

**Paulo Romeiro, *Evangélicos em Crise: Decadência Doutrinária na Igreja Brasileira* (São Paulo: Mundo Cristão, 1995) 215 pp.**

Esse livro é um extenso lamento sobre o estado atual da Igreja Protestante no Brasil. A palavra chave é "crise". Como o título indica, o autor acredita que a Igreja evangélica brasileira está num estado deplorável devido aos inúmeros problemas morais e doutrinários que a afligem. No livro, Romeiro concentra-se apenas nos problemas doutrinários (p. 11).

O capítulo 1 começa com uma descrição de variadas "posições aberrantes" (p.28), que vai dos "Meninos de Deus" até aos Católicos. A impressão inicial é que Romeiro vai abordar com mais detalhes nos capítulos seguintes cada uma destas posições introduzidas. Mas não é o caso. No capítulo 2 sua atenção se volta para os problemas que afligem a igreja pentecostal no Brasil. E após vários outros capítulos sobre o mesmo tema, o leitor começa a perceber que o tema real do livro não é "evangélicos em crise", mas "pentecostais em crise". Apesar do autor aparentemente entender que seu livro é uma discussão generalizada sobre heresias, transparece que, ao final, é uma crítica ao movimento pentecostal, mais especialmente em sua última fase, conhecida como neopentecostalismo.

Na parte central do livro, uma série de pregadores neopentecostais é considerada, especialmente Jorge Tadeu, Benny Hinn e Valnice Milhomens. Uma série de temas relevantes ao movimento neopentecostal é também abordada, como dentes de ouro, maldições hereditárias, batalha espiritual, espíritos territoriais, teologia do domínio, entre outros. De todos eles, o mais importante para Romeiro parece ser a questão se um crente genuíno pode ficar endemoninhado, a julgar pelo espaço que dedica ao tratamento do assunto. Romeiro (corretamente, em nosso entendimento) argumenta extensivamente contra esta possibilidade (p. 127).

Existem várias coisas no livro que o recomendam como uma leitura útil aos que desejam familiarizar-se com a crise doutrinária do atual movimento neopentecostal. Uma delas é o estilo forte e a retórica poderosa do autor. O leitor deve lembrar-se de que o livro não é primariamente um texto teológico, mas um tratamento jornalístico. Portanto, Romeiro descreve e denuncia mais do que analisa e refuta. E o resultado é bastante convincente: o movimento neopentecostal realmente vive uma profunda crise doutrinária.

Outro aspecto positivo é que o autor é pentecostal (da Assembléia de Deus). Sua crítica feita ao movimento neopentecostal certamente tem uma penetração e peso maiores do que as críticas feitas por estudiosos que pertencem às denominações protestantes históricas. No caso destes últimos, estas críticas são esvaziadas por alguns neopentecostais logo de início pelo fato de partirem de pessoas que não são "iniciadas" no movimento e na experiência carismática. Mas neste livro, é um deles quem fala, apesar de que Romeiro parece falar como um pentecostal clássico. Muitos estudiosos pertencentes a denominações pentecostais tradicionais são críticos dos ensinamentos característicos desta nova fase do pentecostalismo, que alguns autores já tem denominado de "a terceira onda do Espírito".

*Evangélicos em Crise* tem alguns pontos fracos. *Primeiro*, apesar de Romeiro considerar que seu livro é sobre "heresia", deixou de definir o que heresia significa. Também não considerou as diferentes tendências que ensinamentos heréticos tomaram no passado. A

história teria ajudado Romeiro a fortalecer sua tese. A missão bíblica da Igreja de defender a sã doutrina é uma tradição antiga e necessária na história da Igreja, que remonta à resposta impressionante da Igreja ao herege Marcião, no século II. Não demandaria muito esforço da parte do autor fazer um breve tratamento deste aspecto, e mostrar como ele se aplica hoje. Do jeito que está, o livro acaba ficando igual a muitos outros livros evangélicos que, em seu tratamento destes problemas doutrinários atuais, ignoram completamente as lições da história.

*Segundo*, o livro sofre de dupla personalidade. A crítica abrangente iniciada no capítulo 1 às várias seitas presentes no Brasil não tem continuidade nos capítulos seguintes. O que se segue é uma crítica das várias aberrações doutrinárias que infestam o movimento pentecostal em seu mais recente desenvolvimento. Existe uma diferença entre um livro que trata de heresias em geral, e um que faz críticas a um grupo ou movimento específico.

*Terceiro*, boa parte das críticas feitas no livro se reduz a mera rotulação. A técnica de rotular uma posição contrária à do autor faz com que o leitor se coloque ao lado da posição do autor. É o caso aqui. Romeiro presume que os leitores verão os erros doutrinários que ele denuncia com a mesma perspectiva crítica e pessimista. Mas nem sempre é este o caso. A tendência que temos de presumir que existe um consenso favorável às nossas opiniões está relacionada intimamente com a questão de autoridade entre os protestantes. Com que autoridade nós criticamos os demais protestantes? Certamente as críticas são feitas, ou partindo de uma tradição teológica (Presbiterianos, Batistas, etc.), e/ou da compreensão que se tem das Escrituras. Mas não é o caso com este livro. Gostaríamos que Romeiro tivesse feito suas críticas (a maioria delas corretas) partindo de um arcabouço teológico mais definido. Por exemplo, a sua crítica ao conceito bastante popular hoje de "amarrar" Satanás teria ficado mais penetrante se tivesse partido de um arcabouço escatológico, que mostrasse ao leitor as diversas etapas da história da redenção, e como o "amarrar" de Satanás se encaixa ali.

Finalmente, o autor parece estar influenciado pela tendência típica dos pentecostais de culpar o diabo pelos problemas do mundo. Talvez um tratamento mais adequado da situação aqui no Brasil devesse dar mais espaço ao mundo e à carne. É fácil culpar o diabo. Difícil mesmo é voltar a atenção para nós mesmos e à sociedade.

— Alan Pieratt e Augustus N. Lopes